

GERALDO RAMOS SOARES

Prof. do Depto. de Sociologia da Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal da Bahia

HENRIETTE FERREIRA GOMES

Profa. do Depto. de Documentação e Informação
do Instituto de Ciência da Informação da
Universidade Federal da Bahia

(Organizadores)

APRE(E)NDENDO O SOCIAL:

MULHERES, SAÚDE, TRABALHO,
FUTEBOL, SENSUALIDADE, ETC.

SALVADOR

1999

O FUTURO DAS SOCIEDADES HUMANAS¹

Felipe Serpa²

Nancy Mangabeira Unger³

Renato da Silveira⁴

José Carlos Capinam⁵

Prof. Geraldo Ramos Soares

Bom dia a todos! Nesse momento, estamos dando início ao Painel *O Futuro das Sociedades Humanas*, uma atividade de extensão organizada pelo Curso de Graduação em Ciências Sociais, coordenado por mim e patrocinado pelo Baneb e pela Orient Filmes, com o apoio da Floricultura Florânia. O futuro está aí, e parece que estamos vivendo não só o fim de um século, de um milênio, mas, sobretudo, a passagem de uma era, o fim de um tempo, enfim, uma grande mudança de paradigmas, ainda difícil de se avaliar e que mexe com nossas crenças sobre o futuro. A princípio pensávamos ter como pano de fundo do Painel alguns filmes de ficção científica, como: *Blade Runner*, *O Caçador de Andróides*; *2001, Uma Odisséia no Espaço* e outros. Mas, dificuldades operacionais impediram que os filmes fossem projetados aqui antes do Painel. Contudo, ao mesmo tempo, percebemos que isso não era tão importante assim, pois a

Prof. Felipe Serpa: Eu agradeço ao poeta Capinam e agora passo a palavra à prof^a. Nancy Mangabeira.

Prof^a. Nancy Mangabeira Unger

O que me proponho a fazer nos termos do debate de hoje *O Futuro das Sociedades Humanas* é compartilhar com vocês algumas reflexões que venho fazendo acerca da crise do mundo contemporâneo, e que, pensadas prospectivamente, podem talvez trazer algumas indicações para o tema. Estas reflexões se tecem em torno do que chamo a **desertificação do mundo contemporâneo**. Essa expressão remete, de modo imediato, à questão ecológica. A consciência ecológica tem se ampliado em todo o Planeta, ainda que em um ritmo menor, ao que parece, do que o ritmo no qual a *Terra* está sendo destruída, pelas agressões de todos os tipos infligidas ao solo, às águas, e à atmosfera. A urbanização galopante, o desmatamento das florestas tropicais, a contaminação dos lençóis freáticos dos mares e dos rios, o aquecimento climático, o enfraquecimento da camada de ozônio, as chuvas ácidas, as poluições, põem em perigo o futuro da humanidade e do planeta. Seis milhões de **terras aráveis** desaparecem a cada ano por conta da desertificação. Em toda parte, a erosão, a superexposição devoram a um ritmo acelerado a superfície das terras cultiváveis. Lógicas econômicas e políticas absurdas fazem com que os seres humanos ainda morram de fome: 800 milhões de pessoas sofrem de mal nutrição. Em 2010, a cobertura florestal do globo terá diminuído de mais de 40% em relação a 1990. As florestas tropicais abrigam 70% das espécies vivas do planeta: a cada ano, uma média de 6.000 destas espécies são extintas, ou seja, desaparecem de modo irreversível. Entretanto, a desertificação do mundo contemporâneo não reside unicamente

no fato de que temos que lidar com a ameaça da destruição dos recursos vitais do planeta.

A exclamação de *Nietzsche* – “o deserto cresce” – expressa a percepção, em pleno auge da Modernidade, da crescente aridez da época na qual a vida está sendo negada, e que tem seu eixo na racionalização e controle de todas as coisas. Para o sociólogo *Lipovetsky*, a imagem do deserto evoca também a deserção da *res publica*, a indiferença frente à questão do bem comum. Enquanto lugar abandonado, vazio, desertado, a metáfora do deserto pode expressar uma certa descrença, muito freqüente, hoje, no valor e na legitimidade do político. O vazio deixado pela crise das grandes utopias sociais que, com todo os seus equívocos, contradições e conflitos, representaram durante muito tempo um limite ético referente ao qual o capitalismo tinha que se posicionar.

O momento atual se caracteriza por uma grande perplexidade, por um vazio diante do qual há, muitas vezes, a tendência a querer se apressar em substituir uma resposta em crise por uma nova resposta, desconhecendo a importância de viver com a tensão da própria pergunta, de conviver com o não-saber, de observar e examinar esse momento, que é o momento do deserto, de buscar-lhe o sentido. Este cenário de deserto é desertificação caracteriza-se também pelo desenraizamento. Centenas de milhares de pessoas são obrigadas a deixar sua terra de origem, forçados pela guerra, pela fome, pelo desemprego, pela perseguição política e religiosa. Enquanto grandes massas migram de um continente a outro em busca da sobrevivência, nos países do primeiro mundo, a xenofobia e o racismo, aguçados pela crise econômica e o esgarçamento das relações entre a sociedade e o Estado, assumem proporções de uma guerra. Mas, se a metáfora do deserto expressa a realidade de um tempo destituído, é também possível nela descobrir possibilidades de renovação e virtualidades de criação. Também *Hannah Arendt* recorre à metáfora do deserto, em alguns de seus escritos: “o deserto é o mundo em cujas condições nós nos

movemos”. Por um lado, ela critica a concepção que constata a existência do deserto como fenômeno da interioridade humana, o deserto em nós mesmos. Esta ênfase na interioridade, na subjetividade, levaria uma certa psicologia moderna a tentar ajudar os homens a se ajustarem às condições da vida no deserto. Neste sentido, alguma coisa estaria errada conosco, porque não podemos viver nas condições da vida do deserto. Nisso consiste a mais terrível ilusão do deserto, afirma *Arendt*, porque se isso acontecesse (e muitas vezes acontece) perderíamos a capacidade de sofrer e de questionar. Não se trata, pois, de buscar formas que nos “ajudem” a nos ajustarmos às condições de vida no deserto. Nossa única esperança é de não sermos oriundos do deserto, mas apenas nele vivemos. Por este estranhamento, porque não pertencemos ao deserto de modo essencial, é que estamos em condições de transformar o deserto num mundo humano. É justamente porque sofremos sob as condições do deserto, que ainda somos humanos: o perigo reside em que nos tornemos verdadeiros habitantes do deserto e passemos a nos sentir à vontade nele. Explorando ainda a metáfora, *Arendt* afirma que o outro grande perigo do “deserto” contemporâneo são as tempestades de areia, acontecimentos nos quais “de repente, tudo se propaga a partir de uma tranqüilidade semelhante à morte para a pseudo-ação.” A filósofa dá como exemplo os movimentos totalitários de todas as matizes; seu perigo está justamente no fato de serem, eles também, ajustados e em medidas tão extremas, às condições do deserto. Trata-se de deslocamentos ao interior da realidade já dada, e não um ato de superação. Tanto as técnicas que buscam adaptar a vida humana ao meio em que vive, como a “pseudo-ação” que não modifica a dinâmica essencial do sistema, ameaçam as duas faculdades do homem que nos possibilitam modificar o deserto, a capacidade de sentir a dor e a capacidade de agir (de ser agente) “é verdade que sofremos menos nos movimentos totalitários ou no ajustamento causado pela moderna psicologia, sim, mas perdemos a capacidade de

sofrer, e com ela a virtude de suportar (*virtue of endurance*), só aqueles que nas condições do deserto podem suportar a paixão pela vida, é que são capazes de reunir em si aquela coragem que está na raiz de todo agir e também daquilo que leva o homem a tornar-se um ser atuante.”

É preciso saber agüentar o deserto sem se adaptar a ele. Este não é o lugar de aprofundar a riqueza singular do pensamento de *Arendt*. A desertificação do mundo contemporâneo pode ser pensada em diversos níveis. A crise que hoje atravessamos não é somente de caráter social, econômico, ou mesmo ecológica. Não se restringe a um país ou a uma determinada classe social, mas atravessa todos os planos da existência. É uma crise de fundamentos, uma crise de sentido. Nossa palavra crise provém do grego, *krinein*: decidir, discernir. Estamos numa travessia. O futuro das sociedades humanas, assim como o futuro da vida no planeta, depende do modo em que realizemos essa travessia. No deserto do mundo da produção total, dominado hoje pelo totalitarismo de mercado, que decreta como única alternativa produzir ou perecer, tanto o ser humano quanto os outros seres da natureza são desprovidos de qualquer valor, que não seja o seu valor de mercado. Será está a única tendência a desenhar o futuro das sociedades humanas? Ou será que nós podemos também perceber a eclosão de forças que são vivificadoras do tecido social, e que apontam no sentido da sua regeneração e renovação? As forças da renovação e regeneração do tecido social se expressam de múltiplas maneiras, tanto no plano individual quanto no plano dos movimentos sociais e correntes de pensamento. Pensar a gravidade do tempo em que vivemos é pensar também as possibilidades de sua superação. Realismo é uma palavra chave do projeto neo-liberal, que se quer pragmático e aberto, isento de pretensões totalitárias e de ingenuidades utópicas. Se a crise do socialismo deixou um vazio em termos de valores, nos dias atuais, a idéia de utopia é

vista majoritariamente como algo historicamente datado, anacrônico, o realismo como aderência ao já dado. Mas apesar do peso ideológico desta concepção veiculado em todos os níveis pelo sistema, apesar do ceticismo e da apatia, assistimos à eclosão e desenvolvimento de movimentos novos que emergiram em meio às vicissitudes das décadas de 70/90 em diferentes lugares do planeta. Entre eles, está o movimento ecológico já mencionado por Capinan. Penso que entre os movimentos atuais, o ecológico é um dos mais abrangentes porque toca numa questão que concerne a toda humanidade: a preservação da vida. Mas, exatamente por sua importância e abrangência, a questão ecológica é hoje um campo atravessado pelo conflito político e social ou, para usar um termo hoje quase em desuso, pela luta de classes. Há uma gama de posições ao interno daqueles que falam em nome desta causa, que vai desde uma leitura extremada do “biocentrismo”, postulando que o homem já destruiu tanto a natureza que se tornou nocivo ao planeta, devendo, portanto, se retirar. Que esta leitura tenha, em alguns casos, favorecido uma espécie de “neo-maltusianismo”, que vê as grandes fomes que assolam os países do terceiro mundo, como um processo auto-regulador do planeta, frente aos quais não devemos interferir, mostra a que tipo de distorções pode levar uma postura pretensamente “apolítica” diante da questão ecológica. Em outro patamar se situam os movimentos ecológicos que, em muitos lugares do planeta e aqui no *Brasil*, vêm buscando um repensar criativo da experiência política de esquerda, buscando os elos que ligam o ecológico e o político, a transformação social com a transformação pessoal, interagindo com outras correntes como o feminismo e o pacifismo. Mas pode-se indagar, também, até que ponto tais movimentos não são portadores de um discurso eminentemente urbano e de classe média, que às vezes não tem uma ressonância maior. Existem também, e é um fenômeno que eu considero uma das expressões deste nascimento do novo, deste potencial renovador que

encontramos mesmo no deserto, movimentos que se desenvolvem aqui no *Brasil*, e que vem dos cantões do país.

É o caso do movimento dos povos da floresta amazônica, que no cerne de sua proposta de desenvolvimento para a região, tem toda uma ética de respeito à vida da floresta e de seus habitantes, humanos ou não, assim como da cultura dos povos seringueiros e indígenas. É o caso do movimento das quebradeiras de coco no *Maranhão*, do movimento dos pescadores da *Bacia do Rio São Francisco* e de outros afins, que experienciam no seu cotidiano o respeito aos ritmos e ciclos da vida. Estes movimentos, dos quais me aproximei um pouco mais, são algumas expressões de iniciativas que eclodem de múltiplas maneiras em diferentes lugares do nosso país e em outros lugares do planeta, e que, em toda a sua fragilidade e dispersão, nos dão notícias da capacidade que o ser humano tem de resistir, de criar, de renascer. Se neste momento não nos é dada a possibilidade de novas respostas, se nosso tempo é um tempo de espera e indagação, podemos discernir e acompanhar estes processos em gestação. Para além de todo o otimismo e pessimismo, elas nos dão indícios para imaginar, quem sabe, o futuro das sociedades humanas.

(Aplausos!)

Prof. Felipe Serpa: O prof. Renato da Silveira , como foi dito inicialmente, tem que se retirar.

Prof. Felipe Serpa

O que eu queria discutir era essencialmente a questão sob o ponto de vista lógico, da verdade, que é uma questão importante da modernidade, e a questão, sob o ponto de vista físico, da realidade. Mas eu só vou sintetizar isso, dizendo que